

O papel do mestre de banda como educador: uma etnografia da banda do Rio das Mortes (MG)

Comunicação

Clesio Francisco Silva
Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)
clesiofrancisco@gmail.com

Lucia Campos
Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)
luciapcampos@gmail.com

Resumo:

Levando em consideração as mais de setecentas bandas de músicas existentes no Estado de Minas Gerais, fica nítida a existência de uma grande diversidade e uma rica fonte de conhecimento em termos pedagógicos e metodológicos que podem contribuir para o desenvolvimento da educação musical brasileira. As bandas de música têm se destacado por serem consideradas educandários musicais permanentes, democráticos e de fácil acesso nas cidades do interior, onde muitas delas são reconhecidas como patrimônio cultural imaterial. Nesse contexto, o presente trabalho propõe um estudo etnográfico da Banda do Rio das Mortes (MG), tomando por base o papel dos mestres da banda como educadores. A partir de entrevistas, suplementadas pela análise de documentos, observação etnográfica dos ensaios, das aulas e de apresentações diversas realizadas dentro e fora da comunidade do Rio das Mortes, são identificadas algumas características intrínsecas à aprendizagem que acontece nesta banda, pautada pela colaboração entre os músicos aprendizes. Além disso, por meio da construção de um “diálogo” foi possível analisar, compreender, identificar, questionar e legitimar as possíveis metodologias utilizadas pelos mestre de banda que utilizam, principalmente, o conhecimento empírico que possuem para acelerar e simplificar o aprendizado musical realizado naquela corporação.

Palavras-chave: Mestre de banda; Educação Musical; Etnografia.

As Bandas de Música fazem parte da vida de muitos cidadãos mineiros, principalmente, aqueles que moram em cidade históricas (Sabará, Diamantina, Ouro Preto, Congonhas, Santa Luzia, São João del-Rei, Tiradentes, dentre outras). Basta narrar acontecimentos importantes nesses locais e, certamente, haverá a participação da música nos momentos mais sublimes dessas cidades. Quem ouve o som de uma banda sabe que ali há festa, alegria e celebração. Estes corpos musicais são patrimônio das pessoas que ‘veem no seu som’ diversos significados estéticos, decorrentes de uma forte representatividade e identificação cultural presente neste tipo de manifestação artística. Porém, não há como falar das bandas de música sem mencionar e analisar esta importante figura que se torna a ‘pedra angular’ neste tipo de manifestação cultural. Portanto, o presente trabalho tem como objetivo pesquisar o papel do mestre de banda como um educador, tendo como objeto de estudo a Banda de Música Santa Cecília localizada no distrito do Rio das Mortes, na cidade de São João del-Rei/MG.

Destaca-se que Minas Gerais é o estado da federação com o maior número de bandas de música totalizando 770 (setecentos e setenta) bandas cadastradas na Secretaria de Cultura¹. Algumas delas eventualmente podem se encontrar desativadas, porém ainda estão registradas no órgão estadual. Estes grupos foram se tornando as principais, e muitas vezes as únicas, escolas de música em muitas cidades e os mestres de banda, por sua vez, os professores, que tiveram que criar suas próprias metodologias com o objetivo de permitir um ensino funcional e prático que possibilitasse o aprendizado rápido, dinâmico, democrático e acessível para todos.

Entender o processo de ensino-aprendizagem presente nas bandas de música é ‘abrir as portas’ e fomentar inúmeras descobertas científicas, principalmente aquelas relativas à educação musical no Brasil. Descrever, entender os processos de ensino e os possíveis métodos pedagógicos utilizados pelos mestres de banda pode ajudar a compreender a

¹ Informação retirada do <http://www.cultura.mg.gov.br/gestor-cultural/fomento/bandas-de-minas>, no dia 23/03/2020, às 11h. No entanto, este pesquisador considera que este número é apenas simbólico pois podem existir outras bandas que não são cadastradas bem como aquelas que estão cadastradas mas estão inativas.

existência de uma fusão entre conhecimento empírico e conhecimento teórico, os quais poderiam ser utilizados e aplicados pela comunidade acadêmica musical do século XXI. Para tanto, é de extrema importância ouvir pessoas, compreender suas falas, descrever situações e analisar as metáforas existentes no ambiente de ensino. Todas estas informações deverão passar por uma criteriosa análise e interpretação, tendo como base os conceitos e fundamentos definidos pela etnografia da música:

A etnografia da música é a escrita sobre as maneiras que as pessoas fazem música. Ela deve estar ligada à transcrição analítica dos eventos, mais do que simplesmente à transcrição dos sons. Geralmente inclui tanto descrições detalhadas quanto declarações gerais sobre a música, baseada em uma experiência pessoal ou em um trabalho de campo. (SEEGGER, 2008, p.239).

Em razão disso, este pesquisador achou prudente fazer uma descrição etnográfica do dia a dia das aulas de música no Rio das Mortes e, por essa razão, se fez presente no local de pesquisa durante, aproximadamente, 12 meses realizando diversas entrevistas, observando as aulas, tendo conversas informais, produzindo questionários e participando das atividades do grupo como músico instrumentista.

Sobre a banda de música de Rio das Mortes

A Banda de Música do Rio das Mortes², situada no distrito do Rio das Mortes (MG), sempre foi um ponto de referência no que se refere à música, à educação, à cultura, à arte, à religiosidade e à transmissão de valores (respeito, amizade, camaradagem, responsabilidade social e disciplina) presentes nos costumes e forma de vida das pessoas daquele distrito e dos demais povoados circunvizinhos. Desde sua criação, em 1895, até os dias atuais, esta agremiação musical tem por objetivo precípuo ensinar música para quaisquer pessoas que desejem ser instrumentistas desta corporação musical. O objetivo secundário, e não menos importante, é fazer com que crianças, jovens e adolescentes vejam na música a oportunidade e a possibilidade de fazer dela uma profissão, tendo em vista que muitos músicos que lá

2 O nome oficial da banda é Banda de Música Santa Cecília Lira do Oriente. No capítulo II explicarei o porquê da Banda de Música Santa Cecília Lira do Oriente ser chamada apenas de Banda de Música do Rio Das Mortes.

aprenderam, atualmente, fazem parte de várias orquestras, bandas militares e outros tipos de grupos profissionais. Destaca-se que o distrito, até os dias atuais, oficialmente, não dispõe de outros locais onde as pessoas possam desenvolver atividades iguais ou parecidas com aquelas que são realizadas por aquele grupo. Portanto, é dentro deste contexto que a corporação musical preserva e renova o efetivo dos seus quadros de músicos para manter a tradição musical presente em muitas famílias da comunidade, o que é considerado motivo de fortalecimento e de crescimento da representatividade e da identidade cultural características em muitas cidades pequenas do interior do Estado de Minas Gerais. Ou seja, o processo de ensino-aprendizagem nesses grupos leva em consideração os costumes e tradições locais – dentro e fora das bandas – sendo construídos por meio da transmissão do conhecimento que é passado de geração em geração e leva em consideração as características sociais, culturais, demográficas e preceitos cultuados naqueles distritos.

O papel do mestre de banda como educador

Não há como negar que a figura do mestre de banda, neste trabalho, é o ponto central de todas as narrativas que ‘sustentam e edificam os pilares’ da banda de música Lira do Oriente. Lá, com o passar dos anos, os preditivos para se tornar um mestre de banda foram aumentando à medida em que novos desafios educacionais foram surgindo. Assim, surgiu uma nova configuração para os mestres da Banda do Rio das Mortes: seu papel como um educador.

Ao analisarmos a importância da banda de música como uma escola fica claro que o trabalho dos mestres vai além das atividades didáticas que estes profissionais desempenham. Durante entrevista verbal, perguntado se ele se considera como um professor de música ou um educador, o Sr. Márcio dos Reis, mestre de banda, responde:

Na minha opinião a ideia de professor se restringe muito à sala de aula... professor tem que dar nota, aprovar ou reprovar. E nem formação em música eu tenho. Aqui na banda não tem disso não... a gente utiliza a música para educar, fazer amizades, ajudar as pessoas na vida, aproximá-las da igreja. Porque aqui nos somos uma comunidade. É um pelo outro.

Por sua vez, o conhecimento empírico que estes profissionais possuem reforçam a ideia de educador, haja vista que este tipo de conhecimento também é construído com a participação dos alunos, saberes, valores e costumes existentes na comunidade. Nesse sentido, é de extrema importância que os mestres de banda também abram espaço para um diálogo construtivo com o aluno, principalmente no que se refere a desenvolver, criar, melhorar, aperfeiçoar e rever técnicas instrumentais utilizadas no ensino. Durante observação etnográfica ficou nítido que o ensino é uma via de mão dupla entre mestre de banda e aluno. O aprendizado é construído em meio a vários tipos de adaptações (conceituais, técnicas e procedimentais).

Ao analisarmos alguns trabalhos acadêmicos que tratam sobre esta questão, temos Renshaw (2011, p.18) que acredita nos trabalhos colaborativos como uma forma poderosa de desenvolver a criatividade e a inovação. Ele afirma que onde há o respeito ao diálogo e à reflexão crítica compartilhada, haverá espaço para construir interconexões e fertilizar ideias e práticas. Essas levarão a resultados novos e originais uma vez que os diversos talentos e habilidades serão aproveitados, podendo criar algo que transforme a prática e as formas de ver o mundo. Freire (1996/2011, p.47) diz que o professor deve entrar em sala de aula “sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa” de educar. Essa é uma premissa básica para a pedagogia da autonomia. Ao analisarmos as atividades diárias do mestre de banda, sua perspectiva sociocultural leva em conta o contexto do aluno e aponta para uma proposta dialógica onde todas as vozes são ouvidas, diferentemente das propostas educacionais onde o professor é o único detentor do conhecimento.

Dantas (2005), no Curso de Capacitação para Mestres e Músicos-líderes de Filarmônicas, propõe vários itens importantes na formação dos “mestres de banda” e do que ele chama de “músicos-líderes”, tais como: história das bandas de música, repertório, regência e composição, dentre outros. Ele explica que o menino ou a menina que entra na filarmônica entende de forma muito direta e objetiva que sua permanência naquela comunidade musical estará condicionada ao que ele lê e executa em um instrumento. Aprender sabendo para que

se aprende: talvez seja esse o grande segredo das bandas de música. A relação entre teoria e prática está muito próxima. O referido trabalho tende a dialogar com este principalmente quando afirma que os mestres de banda são músicos líderes dentro do seu grupo. No caso do Rio das Mortes, pode-se afirmar que eles também podem ser considerados líderes comunitários, e que o fato das pessoas quererem aprender música para tocar na banda, por si só é um fator que facilita o aprendizado pois o ensino passa a ser direcionado para esse fim: tocar na banda.

Fernandes (2006) aborda o regente de banda no contexto da educação musical. Conclui que o ensino e aprendizado no ambiente das bandas de música na escola é enriquecedor para os alunos, quando são motivados pelo maestro desenvolvendo suas capacidades e conhecimentos musicais. O regente necessita conhecer as necessidades e a importância da música para o desenvolvimento humano. O regente deve fazer uma autorreflexão sobre seu trabalho com os alunos, rever sua prática e assumir suas responsabilidades como professor para que consiga transformar suas aulas de maneira atrativa e os desperte na vontade de aprender. No caso do Rio das Mortes, os mestres de banda têm plena consciência que muitos pais estimulam seus filhos a aprenderem música, não somente para manter uma tradição musical, mas também para manter seus filhos longe das mazelas sociais presentes neste distrito. Além disso, a banda de música é o principal lugar na comunidade em que as pessoas têm acesso à cultura e à educação.

Lélio (2009) discute a banda de música através do estudo do desenvolvimento musical dos seus alunos e da atuação dos seus mestres. O “mestre de banda” é analisado através do seu perfil, origem e funções. O pesquisador relembra propostas e metodologias de educadores que visualizaram a importância da banda nas escolas em outros momentos de nossa história. O referido trabalho tende a dialogar com este quando analisa o desenvolvimento musical dos alunos e da atuação dos seus mestres. No caso da Banda de música do Rio das Mortes, existe uma relação didática muito próxima entre mestre e aluno, tanto que muitos desses alunos, possivelmente num futuro próximo, também serão mestres de banda. Essa proximidade estimula o crescimento musical tanto do mestre quanto do aluno.

Por fim, Benedito (2008) afirma que, tradicionalmente, houve a formação de mais de uma banda de música em muitas cidades brasileiras. Para dotá-las de instrumentistas, desenvolveu-se um processo de ensino-aprendizagem da música instrumental, cujos grandes responsáveis foram seus mestres. Elaboraram um programa misto de aprendizado, onde o desempenho pedagógico favorece uma tática de linguagem que prepara o aluno rapidamente para ingressar no grupo. O referido trabalho tende a dialogar com este quando afirma que os mestres de banda elaboram um programa misto de aprendizagem que prepara o aluno rapidamente para ingressar na banda. No caso do Rio das Mortes, todas as bases teóricas visam, especificamente, a rapidez no ensino, até porque há uma necessidade muito grande em renovar os quadros de músicos da banda.

Portanto, após uma breve análise de trabalhos acadêmicos que tem como foco as bandas de música e seus mestres, é possível perceber a riqueza e a diversidade das atividades educacionais presentes nestas corporações musicais. Cada grupo tem sua particularidade e, conseqüentemente, cada mestre tem sua autonomia. É esta autonomia que faz com que cada mestre crie sua própria escola. Além disso, há uma preocupação nas bandas em formar não somente músicos, mas também formar boas pessoas.

Etnografia do dia a dia da banda

Os ensaios da banda ocorrem às terças e aos domingos. As aulas individuais de instrumento ocorrem três vezes por semana (às segundas, quartas e sextas), geralmente iniciando às 17h e terminando por volta de 18h30. Estes dias foram escolhidas de forma estratégica, de modo que o aluno tenha tempo para estudar em casa e no dia seguinte já esteja “passando a lição³” com o mestre de banda. Essa é a expressão utilizada pelos alunos quando vão ter aulas com os mestres de banda. Destaca-se aqui que o “passar a lição” é uma expressão utilizada desde muito tempo nesse contexto, e que perdura até os dias de hoje. A

³ Passar a lição refere-se ao ato dos alunos irem na banda para ter aulas com o mestre de banda. Esta expressão é antiga e refere-se somente as lições do método Bona.

expressão ainda é utilizada por força do hábito da transmissão oral, no entanto entendo que o termo não é o melhor para se referir às aulas com mestres, pois “passar a lição” dá a ideia de que os alunos não tem aulas, que eles somente passam os exercícios.

Muitos dos alunos saem da escola local, após o término das aulas, e já vão direto para a banda, tanto é que a maioria deles ainda estão uniformizados. Não há uma sequência pré-determinada para cada aluno “passar a lição” com o mestre. No entanto, eles mesmos se encarregam de fazer esta ordenação. Eles se comunicam entre si para saber quem chegou primeiro. Quando o mestre acaba de “tomar a lição” de um aluno ele somente fala “o próximo...”. De imediato, os alunos que estão do lado de fora já apontam quem deverá ser o próximo a “passar a lição”.

De início, eu achava estranho os alunos ficarem do lado de fora da sede esperando, pois na minha época os mestres exigiam que ficássemos dentro da sede assistindo uns aos outros passarem lição. Com o tempo, percebi que, na verdade, eles ficavam do lado de fora para brincar ou para estudar (sozinhos ou em grupo). Mas um fato curioso me chamou a atenção: quem acabava de “passar a lição” já se deslocava rapidamente para o lado de fora da sede e já ia contando para os demais o que o mestre de banda tinha corrigido. Não era uma fofoca, mas sim uma forma dos alunos cooperarem e se ajudarem mutuamente. Teve casos em que um aluno aprendiz ensinava algo para outro aluno, também aprendiz.

Outro fator que também chamou atenção durante pesquisa foi o modo de ensinar e aprender música. Em muitos casos o processo de ensino é feito por imitação, principalmente, nos casos em que o mestre de banda não tem domínio técnico do instrumento que está ensinando.

[...] a imitação engloba uma escuta imitativa que acompanha a observação dos gestos de maneira simultânea, trabalhando interiormente com imagens aurais que são recursos que serão acionados sem a presença do imitado, à medida que o imitador construiu internamente essas referências. (PRASS, 1998, p.158)

Isso exige que o aluno preste bastante atenção nas instruções que estão sendo repassadas. De imediato, o aluno deve repetir aquilo que o mestre ensinou. Isso é feito várias vezes. Tem momentos em que o próprio mestre de banda erra a execução do instrumento. A mensagem por trás disso também é mostrar que o erro é permitido e que faz parte do aprendizado. Os alunos têm plena consciência de que o mestre de banda está se esforçando o máximo possível para ensinar algo que não é plenamente do seu domínio técnico. O mais curioso é que, em certos momentos, não é possível distinguir ao certo quem é o aluno e quem é o professor, dada a troca incessante de informações. De certo modo, isso aproxima as relações entre mestre e aluno. Caso o aluno não consiga reproduzir aquilo que está sendo repassado, provavelmente o mestre de banda irá procurar outros recursos didáticos, pedagógicos e procedimentais para fazer com que o aluno entenda o conteúdo ministrado. O processo de escuta neste tipo de ensino também é fundamental e pode ser evoluído com o passar dos anos:

A escuta constante desenvolve a percepção musical dos participantes que, com o passar do tempo, tendem a apurar seus níveis de escuta e executar melhor seus instrumentos, distinguindo os demais e desenvolvendo suas capacidades técnicas. Portanto, essa dinâmica de escutar e de tirar de ouvido passa a ser uma influência não só nas práticas solitárias dos participantes como também nas atividades musicais do grupo, aprimorando os níveis de escuta durante os ensaios, oficinas e apresentações. (MARCELINO & BEINEKE, 2014, p.15)

A grande quantidade de músicos de banda que ingressam nos cursos de graduação, e que provavelmente tocam mais de um instrumento, levou este pesquisador a fazer o seguinte questionamento: os cursos de graduação em música (bacharelado ou licenciatura) poderiam aproveitar melhor as habilidades dos músicos de banda? Como isso poderia acontecer? Por que a grade curricular destes cursos não prevê a possibilidade de tocar outros instrumentos? Em que momento do curso de graduação (bacharelado ou licenciatura), os músicos vindos de banda poderiam mostrar suas habilidades? Tal questionamento também leva em consideração que muitos músicos de banda, após terminarem o curso de graduação, retornam às bandas de músicas como mestres de banda, lecionando música para mais de um instrumento.

Muito embora haja uma participação predominante dos mestres de banda na formação dos alunos, observa-se que o ensino-aprendizagem na banda do Rio das Mortes não se limita somente à participação do mestre e do aluno, pois conta também com a participação de todo um coletivo que auxilia direta ou indiretamente neste processo de aprendizado.

Durante entrevista⁴ verbal, foi perguntado sobre as relações de amizade no processo de ensino ao Sr. Raul Felipe de Carvalho, trombonista da banda e membro da diretoria, e o mesmo respondeu:

Há uma forte relação de amizade entre os músicos da banda. Isso ajuda na hora de aprender. Nós mesmos vamos tirando nossas dúvidas com os músicos mais experientes na hora do ensaio.

Aqui, mais uma vez fica evidente que o processo de ensino-aprendizagem ocorre durante todas as atividades que estes grupos desenvolvem no decorrer dos anos, ou seja, é um processo contínuo que tem início, mas não tem um ponto final.

Qual seria o método pedagógico utilizado na Banda do Rio das Mortes?

Ao analisarmos as atividades pedagógicas desenvolvidas na Banda de Música Lira do Oriente, do distrito do Rio das Mortes, percebemos que não é possível classificá-las em uma única metodologia. Nesse sentido, não se pode afirmar que o método utilizado naquela banda é somente o “individual ou tutorial”. Conforme foi analisado, o ensino não se limita especificamente à relação entre mestre de banda e aluno. Muitas vezes, os alunos se ajudam entre si. Geralmente, o aluno mais velho é aquele que sabe mais e tende a ensinar aos mais novos. Entretanto, isso não pode ser entendido como uma regra, pois em muitos casos os alunos mais velhos também aprendem com os mais novos. Destaca-se também a participação de antigos músicos da banda, de pais e da comunidade em geral no processo de ensino. Da

⁴ Todas as informações fornecidas pelo Sr. Raul, neste capítulo, provém de entrevista verbal realizada na sua residência no dia 22/09/2019.

mesma forma, não se pode afirmar ao certo que o método pedagógico “mútuo” é o único utilizado na banda do Rio das Mortes, pois em muitos casos os alunos aprendem sozinhos e não precisam necessariamente da ajuda de alguma pessoa. No caso da prática instrumental muitas pessoas aprenderam ou começaram a tocar outros instrumentos por curiosidade ou para suprir as necessidades da banda. Os próprios músicos criam suas formas de aprender, tendo como base as habilidades técnicas de outros instrumentos. Logicamente, este processo é lento e explora a capacidade de criação e interpretação dos músicos para adaptar as habilidades técnicas de um instrumento a outro.

Guarany e Cerqueira (2012) afirmam que o “método misto” se constitui numa mistura entre o método individual e o método monitorial, reunindo as vantagens de ambos, o que permite uma organização em classes mais homogêneas, uma maior otimização do tempo e uma organização dos conteúdos por níveis de aprendizagem. Lessage (1999) entende que o “método simultâneo” seria aquele no qual o ensino dado pelo professor não se dirige a um único aluno por vez – como acontece no método individual –, mas sim a um grupo alargado de alunos, os quais são tratados como se fossem um só aluno, permitindo desta forma aumentar a eficiência do ato de ensinar, possibilitando o atendimento de um número muito maior de alunos. Também não se pode afirmar que o método da Banda do Rio das Mortes é somente o “misto” pois, durante os ensaios, foi possível verificar uma diversidade muito grande no que se refere à idade, ao nível musical, à capacidade de compreensão e de entendimento das informações passadas pelos mestres, dentre outros aspectos. Ou seja, a banda de música do Rio das Mortes é um grupo muito heterogêneo, o que é visto como uma das grandes qualidades desse tipo de formação musical, pois é onde surge a oportunidade das pessoas agregarem conhecimentos musicais para os outros, além de manter valores como o respeito e a admiração por seus semelhantes. Por fim, não se pode afirmar ao certo que o “ensino coletivo” é o único procedimento pedagógico utilizado naquela corporação musical, pois muitos alunos aprendem os instrumentos praticamente sozinhos, mas outros já necessitam de orientação dos mestres de banda. Certamente, as relações sociais entre as pessoas influenciam no aprendizado.

Portanto, as atividades educacionais desenvolvidas pela Banda do Rio das Mortes se mostram extremamente multifacetadas, tendo em vista a capacidade de criação e adaptação geradas pelo conhecimento empírico que os mestres de banda possuem, alinhados às atividades físicas e estruturais que culminam com a produção de uma metodologia de ensino personalizada que leva em consideração as habilidades musicais e o potencial de cada aluno. Embora, em alguns momentos, possa parecer um processo de ensino rígido e engessado, todos os musicistas têm livre escolha para aprender outro instrumento e também para ensinar música.

Levando em consideração as mais de setecentas bandas de músicas existentes no Estado de Minas Gerais, fica nítida a existência de uma grande diversidade e uma rica fonte de conhecimento em termos procedimentais, comportamentais, estruturais, pedagógicos e metodológicos que de alguma forma podem agregar valor à educação musical brasileira. Fortifica esse argumento o fato das metodologias utilizadas nas bandas serem amplamente consolidadas e enraizadas e isso pode ser visto nas atividades, na práxis que estes grupos desenvolvem durante séculos. Portanto, finalizamos este trabalho propondo um diálogo maior entre o saber popular (banda) e as escolas regulares de ensino (conservatórios ou universidades), haja vista o nítido distanciamento entre os conhecimentos e práticas musicais que as sustentam. Nesse sentido, acreditamos que uma forma de ensino não elimina a outra, mas sim elas se complementam, se agregam e engrandecem.

Referências

BENEDITO, Celso José Rodrigues. O mestre de Filarmônica da Bahia: um educador musical. Tese de doutorado. Salvador: Programa de Pós- Graduação da Escola De Música da Universidade Federal Da Bahia. 2011.

CAMBRIA, Vincenzo; FONSECA, Edilberto; GUAZINA, Laize. Com as pessoas: reflexões sobre colaboração e perspectivas de pesquisa participativa na etnomusicologia brasileira. *Etnomusicologia no Brasil*, p. 93-138, 2017.

CHAGAS, Robson Miguel Saquett. Tradição e transformação nas práticas musicais da Corporação Musical Nossa Senhora da Conceição de Raposos/MG. *Anais do SIMPOM*, v. 4, n. 4, 2016.

CRUZ, Marlon Messias Satana. FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo. Paz e Terra, 1996 (Coleção leitura), 166p. **Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade**, v. 13, n. 13, 2008.

DANTAS, Fred. A filarmônica hoje. **Revista da Bahia**, n. 39, 2005.

DA SILVA, Lélío Eduardo Alves. As Bandas de Música e seus “Mestres”. *Cadernos do Colóquio*, v. 10, n. 1, 2010.

FERNANDES, Angelo José; KAYAMA, Adriana Giarola; ÖSTERGREN, Eduardo. O regente moderno e a construção da sonoridade coral: interpretação e técnica vocal. **Per Musi**, n. 13, p. 33-51, 2006.

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. Etnografia da performance musical: identidade, alteridade e transformação. *Horizontes antropológicos*, v. 11, n. 24, p. 155-184, 2005.

GUARANY, Ann Letícia Aragão; CERQUEIRA, Thiago Silva. Instrução pública e métodos pedagógicos no século XIX. In: *COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE*, VI, 2012, São Cristóvão, SE. **Anais...** São Cristóvão, SE: Universidade Federal de Sergipe. Disponível em: <http://educonse.com.br/2012/eixo_02/PDF/26.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2019.

LESSAGE, Pierre. *A pedagogia nas escolas mútuas do século XIX*. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; FILHO, Luciano Mendes de Faria (Org.). **A escola elementar no século XIX: o ensino monitorial/mútuo**. Passo Fundo: EDIUIFP, 1999, p. 9-24.

LUCAS, Maria Elizabeth et al. Entre congadeiros e sambistas: etnopedagogias musicais em contextos populares de tradição afro-brasileira. *Revista da FUNDARTE*, p. 4-20, 2003.

MARCELINO, André; BEINEKE, Viviane. Aprendizagens musicais informais em uma comunidade de prática: um estudo no grupo de maracatu Arrasta Ilha. **Música em Perspectiva**, v. 7, n. 1, 2014.

PENNA, Maura. Ensino de música: para além das fronteiras do conservatório. Da camiseta ao museu: o ensino das artes na democratização da cultura. João Pessoa, Ed. Universitária/UFPB, p. 129-140, 1995.

PRASS, Luciana. Saberes musicais em uma bateria de escola de samba: uma etnografia entre os “Bambas da Orgia”. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS, Porto Alegre, 1998.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Diversidade musical e ensino de música. Salto para o Futuro Educação, 2011.

RENSHAW, Peter. **Working Together: An enquiry into creative collaborative learning across the Barbican-Guildhall Campus**. Guildhall School of Music & Drama, 2011.

SEEGER, Anthony. Etnografia da música. Cadernos de Campo (São Paulo, 1991), v. 17, n. 17, p. 237-260, 2008.

UMBELINO, Ana Carolina Borges. Sociedade Musical Santa Cecília: A influência da banda de música na formação de músicos sabarenses. In: X ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DA ABEM. 2016.